Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"
24 a 25 de setembro de 2020

Volume XIV, n. 9, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

Eixo 9 - Relação com o Saber

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**
DOI: http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.09.08
Recebido em: **06/08/2020**
Aprovado em: **07/08/2020**

A RELAÇÃO COM O SABER EM TEMPOS DE PANDEMIA NO BRASIL; THE RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE IN TIMES OF PANDEMIC IN BRAZIL; LA RELATION AVEC LA CONNAISSANCE EN PÉRIODE DE PANDÉMIE AU BRÉSIL.

LUZINETE DA SILVA FIGUEIREDO
https://orcid.org/0000-0001-5571-819X

RESUMO: Este artigo objetiva compreender as condições das escolas brasileiras frente a situação do distanciamento social ocasionada pela pandemia do Coronavírus, a partir da pesquisa realizada entre 31/04 e 10/05/2020 pela Fundação Carlos Chagas, publicada no seu Informe I. Paralela a esta, as 10 propostas de inclusão escolar sugeridas pela UNESCO – 2020, entram como contributo para esse trabalho, ao apresentarem possibilidades de participação e empenho por parte da sociedade na efetivação de uma escola inclusiva em tempos de pandemia. Juntos com teoria "Da relação com o saber", do professor Bernard Charlot (2000), viabiliza-se aqui, o entendimento de que, a relação com o saber é também uma relação social, na qual são expressas as reais condições dos alunos, suas expectativas em relação a escola e ao futuro que lhes aguardam. Desta forma, analisa-se a situação da educação escolar frente a pandemia, a sociedade em que está inserida, o público que a compõe, as possibilidades de enfrentamento, as práticas de relações com o saber em uma educação inclusiva, como efetivo respeito aos direitos humanos. Por tratar-se de um estudo de caso tão único, sabe-se que muito ainda se tem a discutir e compreender sobre o tema, porém, este esboço torna-se pertinente para educadores, famílias, todos que busquem uma maior compreensão do mundo que hora se desenha, atentando especificamente para o quesito educação escolar e dignidade humana.

ABSTRACT: This article aims to understand the conditions of Brazilian schools in the face of the situation of social detachment caused by the Coronavirus pandemic, based on the research carried out between 04/31 and 05/10/2020 by the Carlos Chagas Foundation, published in its Report I. Parallel to this , the 10 proposals for school inclusion suggested by UNESCO - 2020, come as a contribution to this work, by presenting possibilities of participation and commitment on the part of society in the realization of an inclusive school in times of pandemic. Together with the theory "The relationship to knowledge", by professor Bernard Charlot (2000), it becomes possible here, the understanding that, the relationship with knowledge is also a social relationship, in which the real conditions of the students are expressed, their expectations regarding the school and the future that await them. In this way, the situation of school education in the face of the pandemic, the society in which it is inserted, the public that comprises it, the possibilities of coping, the practices of relations with knowledge in an inclusive education, as an effective respect for rights are analyzed. humans. Because it is such a unique case study, it is known that much remains to be discussed and understood on the subject, however, this outline becomes relevant for educators, families, all who seek a greater understanding of the world that has been drawn, paying particular attention to the issue of school education and human dignity.

RESUMEN: Cet article vise à comprendre les conditions des écoles brésiliennes face à la situation de détachement social causée par la pandémie de Coronavirus, à partir des recherches menées entre le 31/04 et le 10/05/2020 par la Fondation Carlos Chagas, publiées dans son Rapport I. Parallèlement à cela, les 10 propositions d'inclusion scolaire proposées par l'UNESCO - 2020, viennent comme une contribution à ce travail, en présentant des possibilités de participation et d'engagement de la société dans la réalisation d'une école inclusive en période de pandémie. Avec la théorie "Du rapport au savoir", du professeur Bernard Charlot (2000), il devient ici possible, la compréhension que, le rapport au savoir est aussi un rapport social, dans lequel s'expriment les conditions réelles des étudiants, leurs attentes vis-à-vis de l'école et de l'avenir qui les attendent. Ainsi, la situation de l'éducation scolaire face à la pandémie, la société dans laquelle elle s'insère, le public qui la compose, les possibilités de faire face, les pratiques de relations avec la connaissance dans une éducation inclusive, comme un respect effectif des droits sont analysées. humains. Parce qu'il s'agit d'une étude de cas unique, on sait qu'il reste beaucoup à discuter et à comprendre sur le sujet. Cependant, ce plan devient pertinent pour les éducateurs, les familles, tous ceux qui recherchent une meilleure compréhension du monde qui a émergé, en accordant une attention particulière à la question de l'éducation scolaire et de la dignité humaine.

INTRODUÇÃO

Por se tratar de um tempo adverso, o cenário de pandemia apresenta grande instabilidade para todo o mundo, e também para o Brasil. Nesse contexto, existe a possibilidade deste momento ser visto também, como tempo de oportunidade e aprendizado, cujo foco seja a minimização das desigualdades sociais e de aprendizado escolar, não somente em tempos de confinamento, mas sobretudo pós pandemia. Esse contexto em que se buscam alternativas para manter viva a célula da aprendizagem, proporcionando a ligação efetiva de todos dos que dela fazem parte, à pedagogia é dada a responsabilidade de avaliar quais as práticas educativas se tornam pertinentes, envolvendo os grupos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, estes sejam vistos e efetivamente inseridos nesse contexto e nos que serão responsáveis pelo processo educativo no futuro próximo, de forma que a educação seja um mecanismo de igualdade e não de exclusão.

Este artigo objetiva compreender as condições das escolas brasileiras frente a situação do distanciamento social ocasionada pela pandemia do Coronavírus, a partir da pesquisa realizada entre 31/04 e 10/05/2020 pela Fundação Carlos Chagas, publicada no seu Informe I. Paralela a esta, as 10 propostas de inclusão escolar sugeridas pela UNESCO – 2020, entram como contributo para esse trabalho, ao apresentarem possibilidades de participação e empenho por parte da sociedade na efetivação de uma escola inclusiva em tempos de pandemia. Juntos com teoria "Da relação com o saber" do professor Bernard Charlot (2000), viabiliza-se aqui, o entendimento de que, a relação com o saber é também uma relação social, na qual são expressas as reais condições dos alunos, suas expectativas em relação a escola e ao futuro que lhes aguardam, compreendendo que as diferenças sociais não podem determinar o destino destes.

Trata-se de uma análise da realidade educacional do Brasil frente ao distanciamento social imposto pela pandemia, e sobretudo, da busca de uma maior compreensão sobre como podem ser viabilizadas atitudes sociais, nas quais estão envolvidas todas as diferentes realidades populacionais, em busca da minimização das mazelas que ocorrem para uns e para outros não. Mazelas estas que descaracterizam a qualidade de vida dos indivíduos bem como a aplicação efetiva dos Direitos Humanos como elemento norteador da igualdade social. O papel da educação frente a pandemia, torna-se um indiciador de como a sociedade pode contribuir para a formação e igualdade dos seres humanos na vida em sociedade, na construção de suas histórias individuais e locais, a partir de como se constitui sua relação com saber. Que o vírus não seja mais um elementos de segregação, mas que resulte numa efetiva busca de igualdade entre os povos.

A ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA – ANÁLISE DA CONJUNTURA

O sociólogo Hebert de Souza (Betinho), em seu livro "Como se faz análise de conjuntura (Vozes, 1994)" explica que toda realidade social está em contínua mudança, com a escola isso não é diferente, por estar inserida em contexto sociais específicos, as instituições educacionais refletem os movimentos sociais, tanto quanto estes a fazem se movimentar. Para Betinho, essa realidade, por ser muito dinâmica, precisa ser constantemente analisada considerando cinco pontos essenciais:

> Para se fazer análise de conjuntura são necessárias algumas ferramentas próprias para isso. São as categorias com que se trabalha:

- Acontecimentos;
- Cenários;
- Atores;

- Relação de força;
- Articulação (relação) entre estrutura e conjuntura.

> Cada uma dessas categorias merece um tratamento a parte, mas no conjunto elas poderiam elas poderiam ser estudadas como "elementos da representação da vida".

(SOUZA, 1984, p. 9)

Para tornar compreensível a situação da relação com o saber e a condição da escola frente a pandemia do Coronavírus, faz-se necessário uma análise rápida da conjuntura social, neste caso, do Brasil e de sua realidade única. Única porque, por mais que todos tenham sido atingido pelo COVID 19, as especificidades de cada país o faz reagir de uma forma só sua. Nesse contexto, retomando as categorias de análise de conjuntura, de Souza (1984), a definição detalhada de cada uma se faz necessário para que se possa compreender o todo.

- Acontecimento – aqueles que adquirem um sentido especial para um pais, uma classe social, um grupo social ou uma pessoa (mais abrangente que um fato).
- Cenários - São os espaços sociais e as instituições nos quais as ações das tramas sociais e políticas se desenvolvem.
- Atores – é alguém que representa, que encarna um papel dentro de um enredo, de uma trama de relação.
- Relação de força – são as relações de uns com os outros dentro da sociedade, podendo ser de confronto, cooperação e de coexistência e estarão sempre revelando uma relação de força, de domínio, de igualdade ou de subordinação.
- Articulação – é a relação entre conjuntura (os dados, os acontecimentos e os atores) à estrutura (histórica, social, econômica e política).

(SOUZA, 1984, ps. 10-14)

Sendo a escola uma instituição social cuja função é a formação do indivíduo para a vida em sociedade, analisá-la sob a conjuntura atual é, também, buscar compreender como esta desenvolve seu papel social frente as diferentes realidades dos alunos que a formam, principalmente a nível de escola pública no Brasil.

O "acontecimento" que marca o mundo no momento, algo que vai muito além de um fato, que adquiriu um sentido especial não só para um pais, mas para todas as classes e grupos sociais, foi e está sendo a pandemia causada pelo Coronavírus. Trazendo um mundo de incertezas, buscas pela cura e, consequentemente empobrecimento de parte da população devido a obrigatoriedade do distanciamento social. O cenário é amplo e irrestrito, o mundo foi acometido pela situação pandêmica obrigando que todos, sem exceção, buscassem soluções e adaptações a nova e diferente realidade. A população mundial é protagonista na situação que hora se vive, representantes das relações de forças entre uns com os outros numa mesma sociedade, subordinados as forças articuladas que estabelecem as dinâmicas sociais.

Tomando por base esse contexto, objetiva-se compreender a situação da escola pública no Brasil no contexto da pandemia, como estão acontecendo as relações com o saber em um mundo tão adverso como se apresenta nos últimos meses. Para Souza (2020), o momento revela uma "sociologia das ausências. Uma pandemia desta dimensão provoca justificadamente comoção mundial. Apesar de se justificar a dramatização, é bom ter sempre presente as sombras que a visibilidade vai criando". Dentro dessa perspectiva, o autor alerta para a visibilidade das situações de pobreza e invisibilidade social das populações de baixa renda, existentes em diferentes proporções por todos os continentes, e que agora estão se tornando alvo de estudos e olhares por conta da pandemia.

Ainda para o mesmo autor,

> A pandemia é uma alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso. Eis alguns dos sentidos que nela se exprimem. O invisível todo-poderoso tanto pode ser o infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus). (SOUZA, 2020, p. 10)

A escola nesse contexto mundial, tal qual o contexto nacional e local, utilizando a fala do educador Paulo Freire (1988),

> Educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas com A e B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicitam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (FREIRE, 1988, p.84).

Nesse sentido, a educação autêntica é aquela que permite a mediatização entre as pessoas e, consequentemente com o mundo em que estes se encontram, a visibilização da realidade que o constitui e a quem ajuda a constituir. Trata-se de um entendimento de mundo mediatizado pelas diferentes visões que se tem do mundo em que vivem. A aprendizagem requer relações, consigo, com o outro, com o mundo que o cerca, não acontece na ausência, mas na presença, na atuação e na busca do entendimento de como funcionam as realidade em busca da igualdade de direito e de ação. Para Saviani (1994), a educação escolar, viabilizada pela Pedagogia Histórico-crítica tem como tarefa:

> a) Identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações bem como as 47 tendências atuais de transformação;
>
> b) Conversão do saber objetivo em saber escolar de modo a torná-lo assimilável pelos alunos no espaço e temos escolares;
>
> c) Provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção bem como as tendências de sua transformação (SAVIANI, 1994, p. 20).

A escola está imbuída, para a Pedagogia Histórico-crítica, de realizar atividades que permitam o aluno não somente assimilar novos conhecimentos, mas, sobretudo, aprendam o processo de sua produção, como este é construído e as possibilidades de transformação que podem ocorrer. Dessa forma, a escola tem o papel singular de "formação" e de "informação", de fazer com que o saber se torne conhecido e assimilado pelo aluno intermediado pelo mundo e pela realidade em que vive. Nesse contexto, a relação com o saber, é preponderante para que este, o saber, torne-se efetivamente significativo para os que fazem parte da educação escolar. Nesse sentido CHARLOT (2000), define a

relação com o saber como sendo,

> [...] a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. (...) é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com 'o aprender' e o saber" (CHARLOT, 2000, p. 80).

A partir da definição do conceito da relação com o saber, o autor enfatiza a ideia de "relação", que se caracteriza por ser, ao mesmo tempo, simbólica, ativa e temporal, definindo-a, assim nuclearmente como conjunto de significados e espaço de atividades, inscritos num tempo (Charlot, 2000, p. 78). Dessa forma, para que seja possível compreender como acontece a relação com o saber em tempos de pandemia, se faz necessária uma análise da conjuntura social em que esta acontece, tomando por base as ferramentas sugeridas por Hebert de Souza (1984), são elas: acontecimentos, cenários, atores, relação de força e articulação. Como base para compreensão da realidade pandêmica em que a escola está vivendo, serão utilizados dados estatísticos da Fundação Carlos Chagas, Informe 1- Educação Escolar em tempos de pandemia – disponível em https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1 – 2020, juntamente com a obra "*Da relação com o saber*" do professor Bernard Charlot (2000).

EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia causada pelo Coronavírus desenhou uma nova realidade para as escolas no mundo inteiro, de um momento para o outro tiveram suas atividades presenciais suspensas, conduzindo todos os participantes dessa atividade diária e presencial, a buscarem novas formas de fazer escola, de construir o saber e formatar novas e diferentes maneiras de efetivar a "relação com o saber". Nesse contexto, valores como "preservação do direito à educação" e a "redução do prejuízo educacional" tornaram-se objetivos fundamentais, como possibilidade de garantir a continuidade efetiva da aprendizagem, com novos modelos e práticas. Tomando por base a pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas (2000), Informe 1, "Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica", este trabalho objetiva apresentar, de forma coerente, a realidade das escolas do Brasil e, consequentemente do mundo frente a Pandemia do Coronavírus.

Trata-se de uma pesquisa realizada pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, em parceria com a UNESCO do Brasil e com o Itaú Social, cujo objetivo foi verificar como as professoras e os professores das redes públicas e privadas do Brasil estavam desenvolvendo suas atividades nas primeiras semanas de isolamento social, conciliando o trabalho com a vida privada e quais suas expectativas para o período pós-pandemia. Esta pesquisa contou com a participação de 14.285 professoras e professores de todas as 27 Unidades da Federação. O período de coleta da primeira fase foi de 30 de abril a 10 de maio de 2020, por meio de um questionário com 24 perguntas fechadas e 2 abertas realizado pela Plataforma Survey Monkey.

Fizeram parte dessa pesquisa um perfil diversificado de profissionais sendo 80,5% mulheres, 64,6% mulheres brancas, 50,6% professoras que atuam na rede estadual de ensino e 57,3% destas lecionam no ensino fundamental. A região que teve maior participação foi a Sudeste com 74,4% de seus professores entrevistados, seguida pela Região Nordeste com 14,3%, a Sul com 6,4%, as regiões Norte e Centro-Oeste tiveram 2,5% de participação, como pode ser conferido no Gráfico 1 – Participação dos Professores por Região e Gênero.

A pandemia trouxe uma realidade incomum para as escolas, a ausência dos alunos e professores em sala de aula, no Brasil, 81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições

de ensino. São cerca de 39 milhões de pessoas. No mundo, esse total soma 64,5% dos estudantes, o que, em números absolutos, representa mais de 1,2 bilhão de pessoas, segundo dados da UNESCO. Dentro desse contexto, questiona-se a viabilidade de funcionamento do processo de aprendizagem para um número tão grande de alunos de distintas realidades. Inicialmente, como esta pesquisa fora realizada no final de abril e início de maio, os professores estavam buscando alternativas possíveis para elaborar e viabilizar, efetivamente uma nova forma de ensino, de forma que o processo não parasse, para isso, houve um aumento das atividades docentes.

O novo contexto de aprendizagem, trouxe consigo a realização de tarefas antes pouco utilizadas se comparadas com o uso que se faz nesses novos tempos. Assim, o uso dos e-mail, o planejamento/preparação de aulas utilizando novas ferramentas, aulas sendo ministradas a partir de novos recursos, formação continuada do professor EAD, tornaram-se uma realidade no cotidiano dos educadores em tempos de pandemia. Nessa conjuntura tão adversa para as escolas, trouxe à luz dos novos tempos, a realidade escolar vivenciada nesse país tão grande territorialmente como o Brasil, as distancias, e estas não foram devidamente encurtadas pelas novas tecnologias como se esperava com o advento da globalização. Ao contrário, as distancias geográficas são também distâncias sociais de exclusão. Para Boaventura estes "São os grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela" (SANTOS, 2020, p. 15).

O Gráfico 2 apresenta o aumento das atividades desenvolvidas pelos professores em tempos de pandemia, um cenário incomum para a pratica educativa. Os docentes, 91,4% fazem uso de e-mail, WhatsApp e SMS para se comunicarem com os alunos, 80,1% planejam e ministram aulas com novos recursos, 77,4% participam de formação continuada a distância e 68,3% dão suporte técnico as famílias dos alunos.

É preciso considerar a realidade vivida por uma parcela de professores que, distantes dos grandes centros, e, consequentemente das novas tecnologias, encontram-se excluídos do uso das novas tecnologias, não contam, em muitos casos, com o uso da internet por exemplo. Essa nova forma de exclusão escolar se revela na impossibilidade de elaborar e enviar atividades para os alunos, uma das sugestões criadas para manter vivo o vínculo entre escola, aluno e aprendizagem. Outra questão do uso das novas tecnologias frente a educação na pandemia, é a condição financeira de professores e alunos, muitos não conseguem alimentar a internet por falta de recursos, e quando o fazem, não contam com a boa qualidade do serviço.

Nesse sentido, é interessante perceber o desempenho dos professores ao buscarem a implementação de estratégias escolares que alcancem os alunos nas diferentes realidades, de forma que os mesmos disponibilizem tempo para a prática de atividades escolares a distância, sem a mediação da sala de aula. Entre estas estratégias o maior alcance ocorre a partir do uso de materiais digitais via redes sociais, tem um alcance de 77,4%, quando o envio de atividades impressas aos alunos soma 37,2% de alcance, apresentado no gráfico abaixo.

É relevante ainda salientar a questão das aulas, antes de forma expositiva direta, em que alunos e professores eram protagonistas no chão das salas de aulas, vestem-se de novas características, as vídeo aulas gravadas (38,3%), aulas ao vivo on-line (29,8%) e comunicação por rádio (0,6%), tornaram-se uma realidade pouco comum anteriormente, mas que resulta positivamente em momentos de interação com o aluno, com as aprendizagens e com um processo de transição da escola. O distanciamento social via pandemia, forçou uma mudança no modelo tradicional de escola, de forma imposta, um elemento nunca imaginável, um vírus o fez. "A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum" (SANTOS, 2020, p. 29).

Neste momento torna-se conveniente mencionar a questão do efeito da suspensão das aulas presenciais na vida dos jovens estudantes. Acostumados a uma rotina diária de ir e vir, encontrar colegas, brincar, estudar, ter tarefas, socializar, marcam a vida dos indivíduos desde os primeiros anos

de vida. Essa estrutura foi rompida de forma inesperada, adaptações forçadas e a vida em família com tempo ampliado. As novas práticas impostas pelo distanciamento social abalam a saúde física e mental dos indivíduos, principalmente para os alunos dos meios populares, residentes em moradias pequenas, sem alternativas de lazer, a falta de merenda, o medo do contágio são fatores que desencadeiam situações de estresse, forçando-os, em muitos casos a romperem o confinamento. A realidade percebida pela pesquisa, apresentada no Gráfico 4, um aumento de ansiedade e depressão de 53,8% como efeito da suspensão das aulas presenciais para os alunos.

Dentro desse raciocínio, faz-se interessante esclarecer a situação da relação família- escola a partir da suspensão das aulas presenciais, contando com um aumento de 45,6%, a escola chega até a família, e esta passa a ter uma função mais efetiva na vida e convivência com os filhos. As famílias agora tornam-se responsáveis, também pela formação escolar dos filhos, função antes exclusiva das escolas. Cada contexto familiar construirá uma nova forma de relação com o saber, pois, para Charlot (2000),

> (...) qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si (p. 72).

Ao tempo em que a escola, mesmo diante das grandes desigualdades sociais que marcam a realidade dos alunos, não pode destes se distanciar, mas promover a continuidade das relações. Utilizando-se de diferentes mecanismos para chegar ao aluno, tentar manter os vínculos escolares junto aos estudantes, torna-se um dos elementos mais importantes para o momento em que se vive.

Se a relação escola família aumentou, como pode ser visto no Gráfico 5 – Relação Escola-família e Vinculo com a família, a relação escola aluno deve ser mantida, estimulada. Para a professora Ariana Cosme (2020), da Universidade do Porto, na sua fala on-line no II Congresso Internacional de Educação: Um novo tempo na Educação, explica,

> A desigualdade no pais é tão grande, tão grande, mas é preciso ter grande empatia para não se deixar perder os alunos do "radar". É preciso manter o contato de alguma forma com o aluno para não perder a "aprendizagem", não aquela formal pedagógica, mas aquela do cotidiano que nos humaniza e faz conhecer as realidades locais. (COSME, 2020, on-line – 15/07/2017)

Essa nova realidade tem feito cobranças em relação ao trabalho dos profissionais da educação, entre elas estão o desenvolvimento de novas habilidades relativas as novas tecnologias, maior jornada de trabalho, desemprego e falta de salários. As instituições privadas, lutam para manter a efetivação do processo de aprendizagem, mesmo à distância, porém as famílias não conseguem manter o pagamento das mensalidades, gerando desemprego para os que a estas estão vinculados. Forma-se uma cadeia nas quais as estruturas econômicas, sociais e educacionais estão diretamente ligadas, fragilizadas e buscando diferentes formas de sobreviverem a crise que hora se faz presente. O Gráfico 6 – Aumento da jornada de trabalho dos educadores, abaixo, apresenta o aumento da jornada de trabalho destes profissionais, sendo a rede estadual a de maior representação, com 50,6% de aumento no país.

Essa insegura e frágil realidade que faz parte da vida de todas as populações do Brasil e do mundo, mostram quanto os seres humanos estão vulneráveis aos acontecimentos, mas é preciso continuar, adaptar-se e inovar-se ao mesmo tempo. Com a educação não é diferente, novas realidades se estruturam e definem caminhos e modos de caminhar. É preciso esperança, segundo Paulo Freire (1992),

> Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. [...] O que é essencial [...], é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. (FREIRE, 1992, p. 15)

É na continuidade, da busca e na efetiva criação de novas formas de viver que se caminha, que se une, que se troca informações e conhecimentos capazes de construir práticas educativas e novas relações com o saber de forma que permitam manter viva a escola, a educação e a formação humana, tão necessária e rica para a vida em sociedade. Continuemos!!!

A UNESCO – PROPOSTA PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia do novo Coronavírus da Covid-19 formata mudanças na vida humana em várias esferas. Mudanças estas que tem início a partir das relações intrapessoais e interpessoais, quem somos, como estamos, como vivemos, são questões que invocam uma percepção de identidade, de como nos vemos e em que mundo estamos habitando e, consequentemente nos relacionando. Essa consciência remete a outras tantas relações que contribuem com o modo de vida entre uns e outros, com as religiões, as ciências, o capitalismo e o mundo em si. Trata-se de um contexto frágil e inseguro, mas sobretudo humano e que deve ser embalado pela esperança. Segundo a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, "é preciso lutar contra o vírus a favor dos Direitos Humanos. Não podemos deixar que a pandemia se alastre nos Direitos Humanos e na Desigualdade" (2020).

Como reflexo dessa situação, é possível mostrar algumas sugestões relacionadas com a educação, propostas pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2020, como forma de promover a educação inclusiva, especialmente em tempos de Coronavírus. Um olhar significativo para as diferenças, para as desigualdades que são impostas de forma cruel e fria em todos os continentes. No contexto deste trabalho em que se objetiva uma análise bibliográfica sobre as escolas em tempos de pandemia e as novas relações com o saber, a pesquisa e da Fundação Carlos Chagas e as 10 sugestões da UNESCO tornam-se pertinentes por serem atuais e abrangentes, uma especificamente a nível nacional e a segunda a nível mundial, tornando clara e específica a realidade da educação no Brasil e no mundo com vistas para a educação.

Apesar da complexidade do assunto, é necessário reforçar a igualdade de direitos na educação, para isso, a primeira indicação da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2020), diz respeito a,

> **1. Compreender a educação mais ampla e implementar políticas inclusivas.** A educação deve incluir todos os alunos, independentemente da sua identidade, origem ou capacidade. Para isso, são necessárias mais leis, políticas e práticas neste princípio, que valorizem a diversidade e garantam a inclusão em todos os domínios e todas as idades.

A efetivação dessa prática educativa escolar inclusiva, principalmente em relação a responsabilidade pela participação das populações mais vulneráveis fica a cargo dos governos, como fica estabelecido

no item dois,

> **2. Focando o financiamento educativo nos alunos mais vulneráveis.** Os governos devem atribuir financiamento para promover um ambiente de aprendizagem inclusivo para todos os alunos, bem como financiamento específico para acompanhar o mais atrasado ou que não tem acesso à educação.

No item três traz um alerta para a necessidade de se compartilhar conhecimentos e recursos que abordam a diversidade, de forma que estes alcancem todas as instituições escolares.

> **3. Compartilhe competências e recursos dedicados à inclusão.** A UNESCO aponta que os recursos para abordar a diversidade são escassos e estão concentrados em poucos centros educativos. É por isso que são necessários mecanismos e incentivos para transferi-los para todas as escolas.

A relação entre comunidade, família, educação e políticas de inclusão é abordada no item quatro, buscando promover o diálogo entre estes grupos de forma que a inclusão atente para as singularidades de cada realidade em que a escola está inserida e referencie-se com a população local e suas preferências.

> **4. Lembre-se de comunidades e famílias nas políticas de inclusão.** Os governos devem abrir espaços para que a comunidade educacional e a sociedade expressem as suas preferências ao elaborar políticas de inclusão na educação. Também as escolas deveriam desenvolver o diálogo com os pais e mães sobre a concepção e aplicação de práticas escolares inclusivas.

O item cinco busca agregar todos os ministérios em prol da educação inclusiva, entendendo que esta é responsabilidade de todos e portanto, a todos competem a estruturação de programas efetivos.

> **5. Estabelecer cooperação entre os diferentes ministérios, setores e níveis governamentais.** Todos os ministérios que partilham a responsabilidade pela educação inclusiva devem colaborar conjuntamente para definir as necessidades, trocar informações e desenvolver programas específicos.

A partir de uma visão prática e democrática, o item seis busca abrir espaços para que as instituições não governamentais adentrem o processo educativo, garantindo a inclusão e o compromisso dos governantes para a efetivação da mesma.

> **6. Deixar espaço para as ONG questionar e supervisionar a inclusão educacional.** A UNESCO recomenda aos governos manter o diálogo com as ONG dedicadas à educação para garantir que os seus serviços conduzam à inclusão. Também propõe que as administrações permitam às ONG supervisionar os compromissos dos governos em educação inclusiva e defender os alunos excluídos.

Com um olhar especifico para o potencial dos alunos e suas diversidades, o item sete aborda a questão do currículo como mecanismo de atendimento às particularidades.

> **7. É preciso garantir que os sistemas inclusivos desenvolvem o potencial de cada aluno.** Crianças e meninas devem aprender com base em um mesmo currículo que reconheça a diversidade e responda às suas necessidades particulares. Além disso, a infraestrutura escolar não deve excluir ninguém e deve ser aproveitado o potencial da tecnologia, especialmente em tempos de Coronavírus.

Aos educadores, o item oito reforça a ideia da formação continuada, esta capaz de efetivar o entendimento da diversidade como elemento promotor da educação inclusiva.

> **8. Prepare, empoderar e motive o pessoal educativo.** A educação inclusiva deve ser um aspecto central na formação inicial e contínua de professores. Além disso, a diversidade do pessoal educativo promove a inclusão.

Para que todo o processo de inclusão educacional não se torne obsoleto, sem objetivos, o item nove compreende que as avaliações devem acontecer de forma que as práticas sejam analisadas e ajustadas para as diferentes realidades.

> **9. Colher e avaliar dados sobre e inclusão educacional.** Os ministérios da educação devem colaborar com outros para reunir dados populacionais e educativos que permitam analisar o estado da educação inclusiva, avaliá-la e assim poder planejar estratégias de atuação.

O item dez sugere a troca de experiências de boas práticas educativas em inclusão educacional para que esta se torne mais rica e efetiva em diferentes realidades.

> **10. Promover a troca de experiências em inclusão educacional.** A UNESCO insta no seu relatório a promover entre todos os agentes educativos o intercâmbio de boas práticas em inclusão educacional, seja através de redes de professores e plataformas regionais mundiais.

Observando os diferentes aspectos que norteiam a inclusão educacional, o documento acima viabiliza também um repensar sobre a situação de educacional como um todo nesse tempo de pandemia, colocando a aprendizagem como um dos mais importantes recursos para vida humana na Terra. Aos seres humanos é cobrada uma constante situação de aprendizagem, o saber fazer para poder viver. Dentro desse contexto, a educação precisa ser viabilizada, de forma que todos estejam presentes no processo, que a desigualdade social não continue sendo elemento de negação que promove a invisibilidade de um povo e o distanciamento dos direitos humanos, que todos veja efetividade a relação com o saber em suas vidas.

Entender que a pandemia ainda está em curso, que todo esse momento ainda pode perdurar por um tempo, não se sabe quanto, é sobretudo, perceber que muito se tem tentado fazer para dar continuidade ao processo de aprendizagem. Se por um lado não está sendo possível seguir com os conteúdos específicos das disciplinas, o distanciamento social e as diferentes realidades que envolvem o processo não permite um nível de igualdade para todos, por outro, as expectativas e desempenho dos professores em busca de efetivar a permanência dos alunos num processo de continuidade remota, demonstra a responsabilidade e a necessidade de não deixar que estes, os alunos, se percam, desconstruam o interesse e a importância que a escola e, simultaneamente a aprendizagem tem na vida da humanidade.

As novas relações com o saber em tempos de pandemia, dão visibilidade as situações de desigualdade social existente no Brasil, caracterizadas pelos diferentes modos de aprendizagem escolar nos quais os alunos dos meios populares estão inseridos. As condições de acesso às novas tecnologias tornam o processo de aprendizagem inviável para uns e favorável para outros, portanto a desigualdade social determina como os jovens dos meios populares vão se manter no processo de aprendizagem, sem que se sintam estimulados a desistirem. Se o foco é a aprendizagem, mesmo em tempos adversos como o que vivemos, compete focar no que deve ser transmitido ao aluno, para Charlot (2013),

> A transformação da escola está estritamente relacionada com a atividade do alunos. A última instância é essa atividade: se o aluno não tem uma atividade intelectual, claro que não aprende. [...] só aprende quem tem uma atividade intelectual, o aprendiz tem de encontrar um sentido para isso. Um sentido relacionado com o aprendizado, pois, se esse sentido for completamente alheio ao fato de aprender, nada acontecerá (p. 158/159)

Mesmo considerando que a escrita foi nos idos anos de 2013, pode-se pensar que esta não compete com a realidade da pandemia, mas revestida com outras características, a aprendizagem continua sendo o grande objetivo da escola, independente do modelo com o qual se apresente é a dinâmica da transformação do conhecimento do aluno que importa. Retorno a questão da relação com o saber, a partir da ideia de Charlot (2013), quando este defende o papel da escola.

> Na escola, quem aprende não é o empírico, não é o eu da experiência cotidiana; quem aprende na escola é o eu epistêmico, o que os filósofos chamam de Razão, o eu pensante. Por isso, muitas vezes, a didática não serve para nada, porque a didática supõe um aluno que já quer aprender. Mas há sempre alunos que não estão interessados em ingressar em uma atividade intelectual (págs. 159/160).

Nesse contexto, é preciso que o aluno tenha interesse em aprender, em buscar, e, principalmente, que estes tenham oportunidade de, ao querer aprender ter como fazer acontecer. Que as singularidades, condições sociais, modos de vida não sejam empecilhos para que os jovens dos meios populares tenham a oportunidade de buscar, de ver realizado o seu querer. Assim, ainda para o autor, "o que caracteriza a pessoa é sua forma de se relacionar com o mundo, com os outros, consigo mesmo e, portanto, com o saber e, de forma mais geral, com o aprender" (CHARLOT, 2013, pg. 162). As novas relações de saber que se apresentam frente a pandemia, designam mudanças, novos olhares e percepções sobre o processo de aprendizagem, e estes têm o ser humano como centro, como aquele a quem deve ser dada toda atenção sem distinção.

As mudanças assustam tanto quanto o novo, conduzindo o ser humano a aprendizagens e condições nunca antes imaginada, mas, a nível de finalização, citar Charlot (2013, é imprescindível.

> A educação é um direito antropológico. O fato de que nascemos como possibilidade significativa que o princípio básico é o da educabilidade. O princípio de educabilidade é um princípio fundamental e permanente da condição humana: o ser humano nunca é completo, nunca pode se fechar, nunca coincide completamente com o que pode vir a ser. Não existe ser humano em si; por condição, o ser humano é certa realização social e cultural da humanidade, que sempre fica aberta (pg. 170).

Essa incompletude do ser humano é o que possibilita a abertura para novas aprendizagens, novos saberes, novos fazeres. Essa identidade humana de nunca se fechar, permite o caminhar em busca, o que não pode acontecer frente a desigualdade social, possibilitar a uns e negar a outros o aprender, o buscar, o conhecer. Dessa forma a relação com o saber é fundamental para o desenvolvimento humano, trata-se do contato com os desafios, o querer ir mais, o desvelar de novos mundos junto a sua realidade. Para isso, os órgãos governamentais têm grande responsabilidade e participação, tanto quanto cada uns dos seres humanos, em fazer acontecer o processo educativo inclusivo.

CONSIDERAÇÕES

A educação escolar é um dos muitos mecanismos que promovem a aprendizagem aos indivíduos, capacidade humana de busca constante que nunca se finda. Esse buscar requer o desejo de aprender, de conhecer o novo e a ele se adaptar tanto quanto fazer uso. A aprendizagem ocorre em espaço e tempo especifico para cada indivíduo, por se tratar de algo constante, não ocorre de forma homogênea para todos, mas as singularidades aí funciona como um determinante, devendo ser respeitadas e estruturadas para que não venham promover condições negativas para os envolvidos ao aprenderem.

Nesse contexto, este trabalho utilizou-se da obra "*Como se faz análise de conjuntura*", (Vozes, 1994), de Hebert de Souza como modelo de estrutura para analisar a conjuntura atual do mundo frente a pandemia. Tomando por base o Informe 1, da pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas (2000): "*Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica*", como base para a compreensão das escolas e o processo de aprendizagem no Brasil no início da pandemia. Por fim, utilizou-se da proposta da UNESCO – 2020, no qual são sugeridos dez itens capazes de efetivar uma educação inclusiva em tempos de pandemia. Além desses documentos, a teoria "*Da relação com o saber*", do professor Bernard Charlot (2000/2013) entra como base de análise e compreensão do processo de aprendizagem dos alunos dos meios populares.

A partir da análise dos documentos foi possível compreender, não de forma total, seria muita pretensão, mas de forma parcial, a situação da escola no início do isolamento social imposto pela pandemia causada pelo novo Coronavírus, quando um número expressivo de escolas no mundo inteiro teve suas atividades presenciais suspensas. Esse momento frágil para a humanidade, exige dos agentes fundamentais no processo educacional, professoras e professores tenham que dinamizar suas atividades em um contexto, até então nunca visto, marcado por excepcionalidade, em busca de alternativas e novas formas de aprendizagens cujo objetivo maior é a preservação do "direito à educação" dentro das mais diferentes realidades em que se encontram os alunos.

O isolamento social colocou, segundo a UNESCO, 39 milhões de alunos da educação básica do Brasil fora das escolas, cerca de 81,9% do total. Trata-se de números elevados, de realidades adversas, de empenho constante por parte dos educadores e dirigentes governamentais, momento marcado pelo empenho, estresse, criação, observação das diferentes realidades em busca de manter os alunos ligados de alguma forma à escola, consequentemente, ao processo de aprendizagem. A pesquisa da Fundação Carlos Chagas coloca em números a realidade inicial da pandemia frente às escolas, a realidade dos alunos dos meios populares, suas necessidades e como estas os distanciam do processo educativo que hora se desvela. As possibilidades de atividades remotas consistem no elo que os ligam

às instituições, as novas formas de aprender, é necessário manter o vínculo, não se pode perder esse contato.

Com a preocupação pelas diferentes realidade, objetivando atender os alunos dos meios populares, a UNESCO propõe 10 itens necessários e pertinentes para o momento, atentando para a questão da "inclusão escolar" como um direito humano, a igualdade de oportunidades para todos, independentemente do espaço geográfico em que vivem e da condição que hora se encontram. Trata-se de uma proposta que convida a todos buscarem caminhos, alternativas que viabilizem e efetivem práticas educativas justas, humanitárias, que respeitem a individualidade e o todo de cada um dos que fazem parte do processo educativo, atentando para o singular e o plural como mecanismos de inclusão e respeito à dignidade humana.

Nesse contexto, o respeito a "relação com o saber" é colocada como um processo a ser considerado, por entender que esta é, também, "uma relação social no sentido que exprime as condições sociais de existência do indivíduo", além disso, "exprimem suas expectativas em face do futuro e da escola, exprimem as relações sociais que estruturam nossa sociedade". Que as relações sócias possam viabilizar novas relações com o saber, de forma mais justa e igualitária, em que todos os alunos possam despertar em si a curiosidade da busca, do querer, a efetivação de uma aprendizagem significativa, pois sabe-se que "as relações sociais estruturam a relação com o saber e com a escola, mas não a determinam" (CHARLOT, 1996, p. 61/62). Que as estruturas que hora se desenham frente a pandemia, sejam efetivamente de inclusão escolar.

Sabe-se que muito se tem a realizar frente a situação de pandemia do Coronavírus, não se pode profetizar como ficará a escola após a situação hora vivida, mas é possível conceber que a mesma escola inclusiva que se desejava no passado, continua a ser uma exigência nesse momento tanto quanto continuará no futuro. O processo de inclusão escolar será sempre uma busca, uma necessidade como forma de respeito aos direitos humanos, aos indivíduos como um todo, respeitando as diferentes realidades, as singularidades. Que os novos modelos de escola que se desenham, não sejam mais um elementos de distanciamento das classes populares em relação a aprendizagem e a busca de novos conhecimentos, mas que venham imbuídos de efetivas "relações com o saber" possibilitando uma maior humanização e formação de todos.

CHAGAS, Fundação Carlos. Educação Escolar em tempos de pandemia. Disponível em https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. Cadernos de Pesquisa, n.97, p.47-63, Maio 1996.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber, elementos para uma teoria. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. Revista Perspectiva, v.20, n. Especial, Jul/Dez 2002.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

COSME Ariana – Congresso Internacional Um novo tempo na Educação – On-line – 15/07/2020. Disponível https://www.youtube.com/watch?v=v4T_bmmPjdo.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 2ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SOUZA, Hebert José de. Como se faz análise de conjuntura. Petrópolis, Editora Vozes. 1984.

UNESCO – ONU News, Perspectiva Global Reportagens Humanas. 10 recomendações sobre ensino a distância. Disponível em https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706691.

SAVIANI, Dermeval. Desafios atuais da pedagogia histórico-crítica. In: SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da; SEVERINO, Antônio Joaquim. (Org.). Dermeval Saviani e a educação brasileira: o simpósio de Marília. São Paulo: Cortez, 1994.

SAVIANI, Dermeval. Educação brasileira: estrutura e sistema. São Paulo: Saraiva, 1975.

SANTOS, Boaventura de Souza. A cruel pedagogia do vírus [recurso eletrônico]. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2020

*Professora da rede estadual e municipal de ensino. Licenciada em História - (UNEB), Pedagogia – (Faculdade D. Pedro II), Sociologia – (Instituto Leonardo Da Vinci). Bacharel em Teologia – (Instituto Leonardo Da Vinci). Especialista em Educação, História, Geografia, Sociologia e Teologia. Mestra em Ciências da Educação e Doutoranda em Educação pela – ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa – Portugal.